



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante o velório do deputado Adão Pretto**

**Porto Alegre-RS, 06 de fevereiro de 2009**

Eu, certamente, companheiros e companheiras, não sou o melhor orador no velório de um companheiro. Acho que nós, seres humanos, não nos acostumamos com a morte, mesmo sabendo que ela é inevitável. Não há como aprender a conviver com a morte.

Ontem, neste estado, foi enterrado o filho do Beto Albuquerque, com apenas 19 anos de idade. Eu sempre disse que um pai jamais deveria enterrar um filho, a lógica deveria ser só os filhos enterrarem os pais. Devem enterrar os pais quando já estiverem numa idade muito avançada, não um jovem como o Adão, que tem a mesma idade que eu – aliás, eu sou dois meses mais velho do que o Adão.

Nesses quase 30 anos de amizade com Adão Pretto, certamente ele e eu convivemos mais com os nossos amigos do que com a nossa própria família. Muitas vezes – e é importante essa reflexão na beira do caixão do Adão – nós achamos que tudo na vida é importante, menos cuidar um pouco da gente mesmo, menos cuidar da nossa saúde, porque quando a gente tem saúde, a gente pensa que tudo pode acontecer com os outros, mas nunca acontece com a gente. Não tem tempo para os filhos, não tem tempo para comer, não tem tempo para almoçar, para jantar, às vezes vai comer duas horas da manhã, duas e meia, três horas da manhã, vai se deitar com a barriga cheia, não sabe o mal que isso faz e, no dia seguinte, começa a mesma coisa. E eu sei que essa foi a vida de muita gente como o Adão, e de muita gente que está aqui. É importante que... se a gente valoriza a luta, é importante que a gente viva mais para lutar e para conquistar mais coisas.

O Adão, a cada vez que a gente conversava, eu não me lembro de ter



visto o Adão de cara feia. Tinha um gaiteiro que não tocava gaita, era ele que tocava, era ele quem cantava, às vezes bem, às vezes mais ou menos, nunca tão mal. O Adão era a demonstração mais viva de que é possível ser um guerreiro, ser um lutador, defender princípios, mas nunca perder o bom humor. Ele estava sempre, sempre fazendo as coisas.

E parece... Mesmo nos momentos em que ele tinha que demonstrar ódio, ele não demonstrava. E é só a gente olhar a cara do Adão aqui, neste caixão: ele está com a fisionomia com a mesma leveza, sentado a uma mesa discutindo os problemas da reforma agrária, os problemas do Congresso Nacional.

Eu estava ouvindo os companheiros falarem e eu me lembrei – e aqui, sobretudo, para a família do Adão Preto – eu estava me lembrando das palavras do dom Cláudio Hummes, em maio de 1980, quando a minha mãe morreu. Eu estava preso e a minha mãe não sabia que eu estava preso, porque a gente não queria que ela soubesse que eu estava preso. Ela tinha medo de que eu tivesse entrado no Sindicato, com medo de eu ser preso; ela tinha medo de que criasse o PT, com medo de eu ser preso, e finalmente eu fui preso. E nós passamos, oito filhos, a esconder da minha mãe que eu estava preso. Mas, no dia do enterro, o delegado que me prendeu era o Tuma, e ele então fez o gesto de me levar ao enterro da minha mãe.

Eu não acredito que um filho ou uma filha se conforme com a morte do pai ou da mãe, ou de um companheiro. E eu sei que vocês, hoje... isso aqui é como anestesia, a gente está na frente do caixão, a gente está anestesiado. Vão se passando os dias é que vai chegando na nossa consciência o dia do “nunca mais”, o dia em que a gente vai se dando conta. Amanhã, depois de amanhã vocês vão estar na casa de vocês, imaginando que não seja verdade, imaginando que ele não morreu. Muitas vezes, a porta vai se mexer e vocês vão pensar que é o Adão que está chegando. Até que chega o dia em que bate a consciência final de que nunca mais.



Eu estava desse jeito. Aí, o dom Cláudio Hummes me dizia assim: “Lula, para você e para os seus irmãos, qual é o consolo que a gente tem que ter? Primeiro, que o ser humano é como se fosse uma árvore, ela bota frutos, esses frutos botam novas sementes, que botam novos frutos”. E se a gente ver a árvore que o Adão Preto significa para o movimento social e para a família, a gente vê que já tem nove árvores adultas, que já tem – quantos netos? – mais nove árvores menores. Já tem agora mais uma frutinha, que é o netinho que acabou de nascer – um bisneto – e certamente essa árvore que significa o Adão Preto está germinando uma pequena floresta, que vai gerar mais frutos, mais sementes e mais árvores.

É essa a sabedoria de Deus quando criou a vida: é que a gente renasce nos nossos filhos, nos nossos netos, nos nossos companheiros. A luta continua, as disputas continuam, e eu acho que não tem fim, até porque a luta faz parte da coexistência da Humanidade ao longo da história.

Agora, é importante que vocês também tenham tranquilidade. O homem não vale pela quantidade de discursos que ele faz. O homem não vale pela quantidade de anos que ele viveu. Nós, seres humanos, valem pela qualidade de vida, pelos compromissos e pelas lutas que fizemos em vida.

Eu digo sempre, e várias vezes eu falei isso, que mesmo que a gente tivesse que viver apenas um minuto, esse minuto deveria ter valido a pena porque a gente teria dedicado esse minuto de vida a alguma coisa boa. Se vocês somarem 63 anos, que o Adão Preto completou no dia 18 de dezembro, transformarem isso em horas, em dias e em minutos, vocês vão perceber que a família, mesmo no sofrimento, sabe que vai carregar pela família, daqui a dez ou 15 gerações, o orgulho, porque cada minuto deste companheiro cantador, lutador, gaiteiro, deputado mas, sobretudo, esse grande companheiro...

E qual é a alegria da gente, que é cristão? Essa é a vantagem de sermos cristãos, de crermos em Deus e crermos no outro mundo, essa é a vantagem. Certamente, uma pessoa que não crê em outro mundo, não crê em



outra vida, não tem a tranquilidade. Mas nós sabemos para onde ele vai. E nós sabemos que lá ele está encontrando quantos companheiros sem-terra que morreram na luta, ele está encontrando companheiros como o Paulo Freire. Não sei quantos livros ele leu, do Guevara, mas certamente não tem as fronteiras que tem aqui, em terra. Ele está encontrando com os companheiros que, antes dele, deram a vida para que ele pudesse viver até os seus 63 anos. Tenho certeza absoluta.

Por isso, eu sei que é muito difícil consolar um filho, consolar uma mulher, consolar um neto, não tem palavra de consolo na morte. Eu só queria dizer para vocês: se tem uma família que conquistou o direito de andar de cabeça erguida neste país, de ter orgulho de cada minuto que este homem viveu e de ter orgulho da humildade, do show que ele dava na Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul enquanto deputado, da respeitabilidade que ele conquistou enquanto deputado federal, do respeito que ele conquistou em todos os lugares de que ele participou, se tem alguém que tem que andar de cabeça erguida, não ter vergonha de chorar – porque quando a gente chora a perda de um companheiro que valeu a pena ter passado pela Terra é motivo de muito orgulho – é a família de Adão Preto.

E nós temos que dizer para quem quiser ouvir é que: baixinho, valeu a pena Deus ter te colocado no mundo e você ter criado uma família tão extraordinária quanto a tua. Por isso, esteja certo de que você é um símbolo dos sem-terra, um símbolo do lavrador mas, sobretudo, você é um símbolo da dignidade humana. Parabéns à família.

(\$211A)